

# A ESCRITA DE SI NAS ATIVIDADES MEDIADORAS PARA O DESCORTINAR DE INDÍCIOS DE PROTAGONISMO CULTURAL

## SELF WRITING IN MEDIATING ACTIVITIES TO DISCOVER INDICATIONS OF CULTURAL PROTAGONISM

Ana Claudia Medeiros de Sousa<sup>a</sup>  
Raquel do Rosário Santos<sup>b</sup>

### RESUMO

**Objetivo:** evidenciar e propor a escrita de si como técnica que pode nortear as atividades de mediação cultural, mediação da informação e mediação da leitura ao descortinar traços memorialísticos do produtor dos documentos que o revela como protagonista cultural e representativo no contexto sociocultural. **Metodologia:** trata-se de um estudo em que foi adotada a abordagem qualitativa e o método bibliográfico, ao articular os aspectos teóricos, conceituais e analíticos que subsidiaram este estudo. **Resultados:** no processo de desenvolvimento das atividades mediadoras deve-se buscar uma atuação consciente, a partir da adoção da técnica da escrita de si, que busque evidenciar, fortalecer e ressignificar as práticas socioculturais pelos usuários-leitores que poderão, por meio dessa técnica se reconhecer e alcançar o protagonismo cultural. **Conclusões:** a escrita de si apresenta-se como uma técnica que evidencia o movimento de constituição identitária e memorialística dos sujeitos produtores de documentos e refletem as práticas socioculturais, o que pode ser potencializado nas ações conscientes de mediação da informação, mediação da cultura e mediação da leitura, alinhadas às demandas advindas dos sujeitos que integram os diversos contextos socioculturais.

**Descritores:** Escrita de si. Mediação cultural. Mediação da informação. Mediação da leitura.

### 1 INTRODUÇÃO

A escrita de si é capaz de revelar a trajetória de vida do produtor dos

---

<sup>a</sup> Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: ana.violista@gmail.com

<sup>b</sup> Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: quelrosario@gmail.com

documentos, de maneira que descortina aspectos profissionais, pessoais, laços sociais, como também, pode evidenciar traços significativos do delineamento identitário do sujeito e de seu protagonismo cultural. Nesse sentido, a prática de acumular documentos, mesmo que de maneira despretensiosa, se configura como prática de escrita de si, uma vez que, se configura como a constituição de memórias que refletem a autoimagem do produtor.

A pesquisa em tela versa sobre a utilização da escrita de si como técnica a ser utilizada nas atividades mediadoras no âmbito dos dispositivos de informação, especificamente do arquivo, da biblioteca e do museu para evidenciar indícios de protagonismo cultural. A escolha de se debruçar sobre os documentos que integram os ambientes informacionais indica uma possibilidade dos mediadores da informação interferirem no processo de apropriação de indícios memorialísticos que estão presentes nesses documentos de modo a conduzir o leitor por possíveis interpretações sobre a trajetória de vida de protagonistas que têm seus esforços materializados nesses documentos. Esse processo mediador interliga-se entre os aspectos culturais, do ato de ler e se informar, portanto, os mediadores passam a dedicar-se ao fortalecimento do ato da leitura e do acesso à informação para a comunidade usuária em um processo de autoconhecimento por meio da apropriação dos aspectos identitários de uma escrita de si de sujeitos protagonistas, como ações essenciais para o desenvolvimento crítico do sujeito, potencializando que esse também alcance o protagonismo cultural.

As atividades de mediação da leitura são necessárias para uma formação social que inicialmente favorece o gosto e o prazer de ler e apoia o sujeito em sua formação e atuação social, conduzindo-o no desenvolvimento do ato de ler narrativas e informações, de modo que possa interpretar criticamente informações carregadas de valores culturais. É através da leitura que o sujeito compreenderá e se apropriará dos elementos informacionais e culturais constituintes do seu meio e nos dispositivos informacionais. Nesse sentido, agirá de maneira consciente e reflexiva sobre o exercício pleno da cidadania, bem como, fortalecerá seus traços identitários e laços de pertencimento. Quando as atividades de mediação da leitura são realizadas com base nos pressupostos

conceituais da mediação da cultura e da mediação da informação, tais atividades são potencializadas, uma vez que, estarão alinhadas ao contexto sociocultural dos sujeitos leitores. Por isso, a relevância do agente mediador realizar suas ações de maneira consciente, alinhadas às demandas advindas do meio social e às ações de sujeitos protagonistas que estão registradas nos dispositivos informacionais, que são carregados de valor cultural.

Diante do exposto, o estudo teve como objetivo evidenciar e propor a escrita de si como técnica que pode nortear as atividades de mediação cultural, mediação da informação e mediação da leitura ao descortinar traços memorialísticos do produtor dos documentos que o revela como protagonista cultural e representativo no contexto sociocultural.

Quanto à metodologia, foram adotados a abordagem qualitativa e o método bibliográfico, ao articular os aspectos teóricos, conceituais e analíticos que subsidiaram este estudo. Conforme Gil (2010, p. 27), a pesquisa qualitativa tem “[...] o objetivo de descrever as características de determinada população ou fenômeno ou, então, de estabelecer relações entre variáveis.” Assim, esta pesquisa apresenta a técnica da escrita de si como viés a ser adotado nas práticas mediadoras para dar visibilidade à atuação protagonista de sujeitos pertencentes e representativos do meio sociocultural e ainda como contributo para o desenvolvimento de outros sujeitos que integram a comunidade usuária.

Este estudo bibliográfico foi fundamentado nos pressupostos teóricos de Foucault (1992), Oliveira (2009) e Gomes (2004) ao contribuírem com as percepções sobre escrita de si; Perrotti (2016), ao tratar de mediação cultural e protagonismo cultural; de Gomes (2014, 2016, 2017) e de Almeida Júnior (2015), sobre a mediação da informação e suas dimensões; Paulo Freire (1982) e Perrotti (1999) que conceitua a leitura e os estudos de Sousa, Santos e Jesus (2020) sobre a mediação da leitura.

## **2 A ESCRITA DE SI E OS POSSÍVEIS INDÍCIOS DE PROTAGONISMO SOCIAL**

A escrita de si descortina o curso da vida do indivíduo, ela pode ser revelada a partir de vestígios identificados em documentos acumulados, como

também, a partir de narrativas orais, ambos capazes de transparecer indícios de protagonismo cultural na autoimagem do produtor. Foucault (1992, p. 6) compreende a escrita de si como, “[...] um jogo de signos comandado menos por seu conteúdo significado do que pela natureza do significante”. Pode-se pensar nos documentos que são produzidos com uma intencionalidade, mas relevam outras atribuições e sentidos para os sujeitos, ou seja, perpassam os valores pragmáticos e atuam no processo simbólico conferido pelo sujeito.

A respeito da escrita de si como exercício de pensamento na antiguidade, Foucault (1992, p. 146) defende que:

[...] nenhuma técnica, nenhuma habilidade profissional pode ser adquirida sem exercício; não se pode mais aprender a arte de Viver, a *technêtoubiou*, sem uma *askêsisque* deve ser compreendida como um treino de si por si mesmo: este era um dos princípios tradicionais aos quais, muito tempo depois, os pitagóricos, os socráticos, os cínicos deram tanta importância. Parece que, entre todas as formas tomadas por esse treino (e que comportava abstinências, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta do outro), a escrita - o fato de escrever para si e para outro - tenha desempenhado um papel considerável por muito tempo.

A partir da reflexão apresentada por Foucault (1992), pode-se perceber a necessidade do sujeito exercitar uma autoreflexão, do olhar para si e perceber seus anseios e desejos e as transformações realizadas ao longo de sua vida. Esse processo de autoconhecimento influencia-o e o move para um olhar e uma escuta sensíveis que determinam aproximações e de diferenças existentes entre si e o outro. Esse processo é potencializado pelos vestígios de memória, tanto os pessoais quanto o coletivo, tanto os que contam sua história quanto os que narram a história do outro, que evidenciam lutas e escolhas que são comuns em diversas perspectivas.

A prática de registrar a vida pública e a privada na antiguidade, conhecida como *hypomnêmata* e correspondências, “[...] constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; assim, eram oferecidos como um tesouro acumulado para releitura e meditação posteriores” (Foucault, 1992, p. 147). Eram anotações de algo importante e necessário de ser lembrado, que registravam vestígios de memória carregados de valor simbólico capazes de delinear a identidade do produtor dos documentos.

*Hypomnêmata* “[...] trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pode ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si” (Foucault, 1992, p. 149). Documentos que confirmavam fatos, revelavam laços sociais, transpareciam anseios, desejos e realizações de um sujeito, de forma que descortinava a constituição do eu. É válido citar que, seja de maneira consciente ou inconsciente, desde a antiguidade o sujeito tem a prática de produzir e acumular documentos que, a partir de uma análise, podem delinear uma escrita de si.

Oliveira (2009) compreende a prática de escrita de si como memórias documentadas que contribuem para a constituição da autoimagem do produtor. Para a autora, documento é “[...] tudo que está relacionado ao sujeito como ser social: seus objetos, sua produção, enfim, todo um conjunto que manifesta uma escrita de si” (Oliveira, 2009, p. 32). Desde o seu nascimento, o sujeito passa a produzir rastros de sua existência no meio social, como por exemplo, os documentos pessoais, os provenientes de suas atividades cotidianas e profissionais, aqueles que registram seus laços sociais, enfim, independente do gênero ou tipologia documental, todos eles irão carregar elementos característicos de determinado tempo histórico e cultural que permeiam a produção de si.

Gomes (2004, p. 11) compreende que as

[...] práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita — como é o caso das autobiografias e dos diários —, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções.

Os documentos podem ser acumulados de maneira despretensiosa, mas, também, podem ser guardados pelo produtor por conta do valor afetivo e simbólico que registram. Dessa maneira, fotografias, cartas, diários, entre outros dispositivos informacionais, são capazes de revelar os traços significativos da trajetória de vida do produtor/acumulador dos documentos, apresentando-se como “[...] produtos que, gerados a partir de articulações e construções lógicas, ganham formas nem sempre lineares, porém capazes, em si mesmos, de

traduzir, de contar e de (re)construir sua identidade [...], possibilitando uma releitura escritural de uma intimidade posta” (Oliveira, 2009, p. 29). Destaca-se a ‘articulação e construção lógica’ que devem ser consideradas ao analisar os dispositivos informacionais, visto que a proveniência destes e a relação orgânica existente entre eles evidenciam a história de vida do sujeito produtor em determinado contexto sociocultural, demonstrando aos leitores o percurso de constituição que o produtor dos documentos registrou nos mais diversos dispositivos, que são reveladores da atuação e das diferentes funções por ele desenvolvidas.

Essa ‘releitura escritural’ pode evidenciar a atuação protagonista do produtor do documento, contextualizar seu lugar de fala, seus aspectos culturais, revelar seus enfrentamentos, suas conquistas, seu olhar para o próximo. O protagonismo, de acordo com Perrotti (2017, p. 15), é “[...] uma dimensão existencial inextricável. Significa resistência, combate, enfrentamento de antagonismos produzidos pelo mundo físico e/ou social e que afetam a todos”. O protagonista atua no enfrentamento, supera as barreiras e vislumbra a garantia de direitos, ao buscar mudar a sua vida e a dos demais sujeitos.

Quando o protagonista cultural, enfrenta as condições políticas, econômicas e sociais apresentadas em seu meio, o faz baseado nos princípios inerentes ao convívio coletivo, ao mesmo tempo que, se fundamenta na sua percepção de mundo e no respeito a demanda e bem-estar do outro. Tais ações, em alguns casos, são registradas em documentos que podem transparecer a atuação e constituição do protagonista cultural.

Perrotti (2017, p.16) defende: “Mais que ganhar a luta (os resultados), derrotar o outro, importa ao protagonista afirmar princípios básicos que regem o viver junto, importa superar, rebelar-se, [...] contra o fazer vazio, a falta de significação”. Ao tratar dos aspectos do ser protagonista, o autor enfatiza a relevância da compreensão dos princípios basilares para o bem-estar coletivo; acrescenta-se ainda, a busca pelo entendimento do percurso que o protagonista realiza; com quem ele tem/teve contato e pode alterar suas percepções e ser também transformado por esse contato; do que ele constrói nessa trajetória e que, nesse conjunto, correspondem aos elementos que representarão não só

para si como para a história do outro.

Os documentos que evidenciam uma escrita de si, podem transparecer a história de vida de um sujeito protagonista, ou seja, que a sociedade confere a este sujeito um reconhecimento por sua atuação no contexto sociocultural em prol da coletividade. Por esse reconhecimento social, o conjunto documental desse protagonista adquire valor patrimonial, podendo ser salvaguardado por um ambiente informacional, tornando-o acessível, uma vez que é adquirido, organizado, preservado e evidenciado nos e por esses ambientes informacionais.

Dessa maneira, o ato de salvaguardar um documento que revela a escrita de si de um literato, de um músico, de um pesquisador, entre outros sujeitos que tornaram-se protagonistas, pois dedicaram sua vida a expressar e contribuir para mudanças socioculturais, e por isso, a sociedade confere valor a esses protagonistas, por meio de seus documentos, ou seja, os documentos perpetuam a existência desses sujeitos ao testemunharem suas trajetórias de vida, com conquistas e lutas desses sujeitos. Assim, esses documentos ao estarem em dispositivos/ambientes informacionais potencializam esse significado atribuído pela sociedade e ao mesmo tempo favorece que as diversas gerações possam (re)conhecer indícios de memória individual e coletiva, que transparecem sua identidade e as características de seu povo.

Ao tratar sobre a luta contra o vazio e a falta de significação, Perrotti (2017) leva a compreender o enfrentamento do agente mediador, ao propiciar a outros sujeitos a identificação de seus traços identitários, culturais e de seu pertencimento com o meio e com os dispositivos que os rodeiam, que impulsionarão o entendimento coletivo e individual que o apoiará no desenvolvimento de suas ações.

Diante do exposto, torna-se relevante a articulação dos mediadores culturais, mediadores da informação e mediadores da leitura na percepção e utilização da técnica da escrita de si para evidenciar traços memorialísticos e identitários que caracterizam os produtores dos documentos como protagonistas culturais. Por outro lado, tal atividade baseada na técnica supracitada poderá favorecer que os leitores/usuários da informação possam vislumbra-se como

sujeitos que se sentem representados por indícios materializados nos documentos que constituem os acervos dos arquivos, das bibliotecas e dos museus e transparecem a escrita de si em um movimento de empoderamento que apoia e demonstra caminhos para o protagonismo cultural.

### **3 A ESCRITA DE SI NO PROCESSO DE MEDIAÇÃO CULTURAL, MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO DA LEITURA NO ÂMBITO DOS DISPOSITIVOS INFORMACIONAIS**

O ser social possui condutas, maneiras de pensar e refletir sobre o mundo, que o move e o aproxima do *outro* em um processo de constituição dessa coletividade. O sujeito é formado em um meio a crenças, conhecimentos e valores que constituem sua identidade, sua cultura. Esses traços que compõem o sujeito podem ser materializados por meio de documentos que favorecerão a construção de uma escrita de si que estará entrelaçada ao contexto sociocultural.

De acordo com DaMatta (1981, p. [4]), o entendimento sobre cultura nos

[...] permite uma perspectiva mais consciente de nós mesmos, porque diz que não há homens sem cultura e permite comparar culturas e configurações culturais como entidades iguais, deixando de estabelecer hierarquias em que inevitavelmente existiriam sociedades superiores e inferiores.

A partir da reflexão apresentada por DaMatta (1981) os aspectos culturais são perceptíveis no meio e no *ser*, como uma constituição do coletivo que implica no indivíduo, tornando-o parte de um conjunto. Pode-se ainda dizer que essa percepção, que está ligada ao aspecto imaterial, produz materialidade na medida que constrói representações dessa coletividade. Assim, o sujeito nada mais é do que uma parte da totalidade que o compõem e que esse integra.

Vale acrescentar que só é possível “comparar” a partir do conhecer, que mesmo de maneira inconsciente permite aos sujeitos uma movência e presença em diferentes meios; vivenciar, assumir ou discordar, de aspectos culturais distintos, favorecendo uma apropriação de traços identitários. Portanto, em uma coletividade, os sujeitos possuem suas singularidades que devem ser reconhecidas e respeitadas. Mas, é válido destacar que a constituição identitária representa a formação do “eu” no meio, pela soma de atributos que foram



apropriados e que mesmo em diferentes contextos esse sujeito apresenta os traços do coletivo ao qual pertence.

Conhecer os traços formadores das diversas coletividades proporciona a consciência sobre si, como um ser formado pela soma de diversas culturas que o constitui. Por outro lado, também reconhece aspectos que não lhe são próprios, que é diferente, do outro. Os sujeitos podem ser apresentados, por meio das atividades de mediação, aos diferentes aspectos culturais, que o constitui ou não, e que favorecerá a conscientização sobre si e o outro.

Nessa conscientização os sujeitos poderão atuar de maneira a fortalecer os aspectos que estão atrelados a si e ao seu meio, buscando uma comunicação respeitosa e na perspectiva da alteridade, em que o diferente possa compartilhar suas vivências e conhecimentos, de forma que na diversidade possa ocorrer o respeito, o fortalecimento e o crescimento das diversas partes. Ao atuarem dessa maneira os sujeitos estarão lutando pelo que acreditam, ao enfrentar injustiças, desigualdades e exclusões, sendo protagonistas de sua vida e da cultura que os representam.

Toda essa dinâmica social ganha materialidade quando são registradas em diversificados documentos. As observações, as lutas, os encontros e a troca estarão sendo registradas por diferentes dispositivos informacionais que podem constituir a memória do coletivo e representar a auto descoberta, e reconhecimento dos demais atores, de agentes protagonistas que atuaram por sua coletividade. O que torna necessária a interferência de um agente mediador que favoreça o acesso e a apropriação desses dispositivos que possuem o valor simbólico para o sujeito e seu coletivo, portanto, corroborando com o que afirma Davallon (2007, p. 4), sobre a mediação “[...] fazer acender um público a obras (ou saberes) e a sua ação consiste em construir uma interface entre esses dois universos estranhos um ao outro [...] com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro”. Assim, os mediadores podem aproximar sujeitos do que é construído ao longo do tempo e representam a memória do meio, em um processo de mediação que fortaleça os traços culturais do seu contexto social.

Nesse processo de possibilitar o acesso e a apropriação consciente das

dinâmicas e registros que representam uma cultura e seu povo, destaca-se a importância da atuação do mediador cultural que “[...] visa apresentar e tornar conhecidas as diferentes manifestações culturais presentes na esfera social” (Silva; Santos Neto, 2017, p. 31). Dessa maneira, o mediador, no processo de mediação cultural, auxilia os diferentes sujeitos a reconhecerem os valores e os bens culturais presentes nos espaços sociais, de modo a proporcionar uma conscientização dos sujeitos sobre os traços representativos, de si e do outro. Assim, a mediação cultural favorece o (re)conhecimento dos bens culturais de maneira consciente, portanto, potencializando que os sujeitos alcancem o protagonismo cultural.

Entende-se a mediação cultural a partir da reflexão de Perrotti (2016, p. 13), para quem essa ação

[...] emerge na contemporaneidade como formulação teórica e metodológica inscrita, portanto, num quadro que reconhece os conflitos, ao mesmo tempo que a necessidade de estabelecimento de elos que viabilizem diálogos necessários à geração de ordens culturais mais democráticas e plurais.

A partir da reflexão realizada por Perrotti (2016), é importante evidenciar o ato de reconhecer as diferenças e os conflitos estabelecidos por essa identificação. O outro por vezes é diferente e a percepção dessa diversidade existente no meio social pode estabelecer conflitos culturais, sendo necessário um ato mediador que favoreça o processo dialógico e que contribua para “a geração de ordens culturais democráticas e plurais”, defendida pelo autor. Dessa maneira, a conscientização por parte dos sujeitos quanto às práticas culturais que são diversas e é preciso respeitar e conviver com o diferente, na perspectiva da alteridade. Diante disso, pode-se afirmar que a mediação consciente da cultura pode favorecer que os sujeitos revisitem suas memórias individuais, analisando os registros que possuem, não apenas com um olhar afetivo, mas vislumbrando as semelhanças e as diferenças entre si e outro, das trajetórias plurais de vida, em que expressam lutas, aprendizados e conquistas que foram possíveis no percurso histórico e constituem a memória individual e coletiva.

Como sujeitos sociais que vivem em uma coletividade, a trajetória de um sujeito está associada às questões políticas, econômicas e culturais do contexto social, portanto, a constituição da escrita de si é influenciada e influencia a

memória coletiva, ao mesmo tempo que, transparece a cultura que permeia essa escrita. Assim, na perspectiva da mediação cultural, os sujeitos poderão reconhecer-se como parte integrante de uma engrenagem que se modifica por sua ação ou inércia.

Reitera-se que, quando a mediação cultural é realizada de maneira consciente, fortalece e empodera os diversos grupos sociais. Para isso, essa ação pode ser considerada, ampliada e realizada com embasamento nos documentos que comprovam a constituição da memória individual e coletiva, como também, fortalece o fazer dos agentes mediadores culturais que ganham base nos pressupostos teóricos da mediação da informação, visto que o conceito e as dimensões da mediação da informação contribuem para uma ação consciente sobre a dinâmica sociocultural que se estabelece nos dispositivos.

Conforme Almeida Júnior (2015, p.15) a mediação da informação é entendida como

[...] toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais – direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Com base nesse conceito, a informação pode ser mediada de maneira direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva. Nessa perspectiva, os mediadores da informação devem também estar atentos ao valor cultural que os dispositivos informacionais materializam, ao apresentarem indícios que representam um tempo histórico e cultural os quais transparecem as práticas culturais de indivíduos e grupos sociais. Nessa conjuntura, a relação entre sujeito, informação e dispositivos informacionais será baseada nos aspectos culturais que formam e constituem cada sujeito em sua subjetividade e representam os traços memorialístico e identitário da coletividade.

Na perspectiva do conceito da mediação da informação, quando o mediador cultural e o mediador da informação tomam consciência das possíveis ações que podem ser realizadas, eles também percebem a importância de desenvolver atividades que sejam singulares e plurais, individuais e coletivas.

Dessa maneira, esses agentes atuarão na formação de sujeitos ao proporcionarem uma autodescoberta, a partir de atividades mais direcionadas, como também, descobertas de si e do seu contexto cultural.

Tais descobertas podem ser realizadas a partir de atividades que se desenvolvem no coletivo, posto que, ao se debruçar sobre a escrita de si de um indivíduo, o agente mediador e os usuários poderão realizar uma autoreflexão da sua trajetória de vida e de seu contexto. Seja no coletivo ou individual, esses agentes mediadores passam a atuar diretamente, com a presença do público, ou indiretamente, no planejamento e organização das atividades, na perspectiva de favorecer a construção de novos conhecimentos a partir da geração de conflitos que tornam esses sujeitos moventes, inquietos e conscientes de suas ações no contexto sociocultural.

Ao refletir sobre os pressupostos teóricos da mediação da informação que podem embasar a atuação dos mediadores da informação e dos mediadores da cultura, observa-se a relevância desses agentes buscarem em seu fazer alcançar as dimensões da mediação da informação defendidas por Gomes (2014, 2016, 2017, 2020). Dessa maneira, toda atividade humana se baseia no processo dialógico, visto que são necessários o compartilhamento, a interação e a comunicação que apoiam o encontro entre os diversos sujeitos sociais, do mesmo tempo ou temporalidade distinta, que compartilham conhecimento por meio do registro documental e possibilita as descobertas sobre aspectos culturais, favorecendo a comunicação entre sujeitos que nessa dinâmica alcançam a dimensão dialógica.

A visibilidade de dispositivos salvaguardados e o debate em torno do que é vivenciado e conhecido, por exemplo, nos documentos que estão custodiados em arquivo público e/ou privado, pode favorecer uma apropriação das informações dos diferentes contextos e dinâmicas socioculturais e possibilitar um autoconhecimento desse usuário da informação. Esse processo dialógico, de (auto)conhecimentos e descobertas, do prazer de transformar-se e perceber o desenvolvimento do outro, pode favorecer no processo de mediação cultural e mediação da informação, elementos impulsionadores para o alcance da dimensão estética da mediação da informação, defendida por Gomes (2014,

2016, 2017, 2020).

Nesse processo, o agente mediador e os demais sujeitos podem reconhecer a necessidade de uma contínua busca informacional, tendo acesso aos repertórios que constituem os acervos dos arquivos, das bibliotecas e dos museus e que podem ser narrados a partir da voz e das vivências de práticas culturais, de modo que possam ampliar seus conhecimentos e contribuir para a formação do outro, alcançando a dimensão formativa da informação defendida Gomes (2014, 2016, 2017, 2020).

Esse processo deve ser baseado no respeito à crença, hábito e conduta do outro, evitando a manipulação e censura, buscando nas descobertas uma postura de respeito ao que é diferente, de forma que o agir ético possa subsidiar na divergência, o reconhecimento das contribuições dos diferentes sujeitos, atingindo nessa propositura a dimensão ética da mediação da informação apresentada por Gomes (2014, 2016, 2017, 2020).

Quando os sujeitos vivenciam ou reconhecem o sentimento de exclusão, manipulação e intolerância às suas práticas culturais podem enfrentar, (re)agir e se opor a tais manifestações, de forma que apoiará o processo de justiça social que o coloca e ao outro na condição de protagonista sociocultural. Dessa maneira, os sujeitos assumem a postura consciente de enfrentar e resistir em prol da coletividade, alcançando a dimensão política defendida por Gomes (2016, 2017, 2020).

Essa dinâmica de (re)construção inter e intrapessoal, de acesso à informação e ao documento, requer um processo de leitura de si, da palavra e do mundo. Neste ponto é válido ressaltar que é preciso que a compreensão dos sujeitos quanto à necessidade de interpretar e relacionar a palavra escrita com a sua realidade, sendo possível modificar sua visão de mundo e interferir nele, como afirmou Paulo Freire (1982, p. 9), “[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.

Outro conceito de leitura, foi formulado por Perrotti (1999), que com base em Paulo Freire, entende a leitura como um ato, que implica no exercício da possibilidade humana de articular o agir ao pensar, ao definir, ao escolher. Dessa

maneira, a leitura é compreendida como um ato de interpretação de si e da sua realidade que envolve as diversas expressões humanas de compartilhamento dos conhecimentos. Sendo um ato, pressupõe-se uma conscientização do sujeito, portanto, faz-se necessária a mediação da leitura favorecendo a realização efetiva e consciente do ato de ler os diferentes dispositivos, dentre eles os que representam e apresentam as práticas culturais e são considerados bens materiais e imateriais que constituem os indícios de identidade e memória.

Dessa maneira, Sousa, Santos e Jesus (2020, p. 17) ao refletirem sobre a mediação da leitura, afirmam que essa deve “[...] ocorrer de maneira singular e/ou plural, realizando diferentes atividades, empregando os mais variados dispositivos informacionais e culturais em seus distintos formatos”. Ainda segundo as autoras quando a mediação da leitura é embasada no contexto sociocultural em que os sujeitos estão inseridos, favorece que eles ressignifiquem os dispositivos informacionais que têm acesso e que reconheçam que estes são constituintes do seu meio, de modo que possam se apropriar deles.

A mediação cultural, a mediação da informação e a mediação da leitura se entrelaçam em práticas desenvolvidas em ambientes informacionais que favorecem o desenvolvimento cognitivo e social dos sujeitos. Entre esses dispositivos, pode-se, neste contexto, reconhecer a relevância da biblioteca, do arquivo e do museu, que independente de sua tipologia, favorecem o acesso, uso e apropriação das informações que potencializam e apoiam os sujeitos no alcance do protagonismo cultural.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta comunicação a escrita de si é entendida como uma técnica que potencializa nas atividades mediadoras o reconhecimento das intencionalidades, das possíveis ações protagonistas e das descobertas e relações socioculturais que se estabelecem entre os produtores, os mediadores e os usuários/leitores. Nesse processo, de entrelaçamento das informações provenientes das práticas socioculturais que adquirem materialidade nos documentos e são reveladas por meio das atividades mediadoras, podem alcançar e despertar um sentimento de

pertencimento e impulsionar o (re)conhecimento de uma atuação protagonista.

Ao tratar dos aspectos do ser protagonista, vislumbra-se com base nos aspectos conceituais da mediação da informação e da mediação da cultura, a importância das atividades mediadoras serem realizadas de maneira individuais e coletivas; plurais e singulares e que busquem a conscientização dos mediadores e demais leitores sobre a trajetória dos produtores dos documentos e da aproximação que se estabelece entre a vida do outro e sua própria identidade. Nesse processo mediador, tornar-se-á evidente a relevância das coleções e dos conjuntos documentais pessoais que revelam vestígios significativos de memória e de traços identitários que possibilitam um entendimento do percurso que o protagonista realizou e que pode constituir uma nova trajetória da história do *outro*.

No ato de (re)leituras dos documentos provenientes de acervos pessoais, os sujeitos tanto poderão se apropriar da informação quanto (re)conhecer os bens e valores culturais que integram seu contexto sociocultural. Nessa perspectiva, a mediação da cultura, a mediação da informação e a mediação da leitura devem ser relacionadas a um movimento de busca por atividades que ressignifiquem as práticas socioculturais. Assim, a escrita de si pode potencializar ações conscientes, alinhadas às demandas advindas do meio social e influenciadas (e que influenciarão) as trajetórias de sujeitos protagonistas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo; SILVA, Rovilson José da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32.

DAMATTA, Roberto. Você tem cultura? **Jornal da Embratel**, Rio de Janeiro, p. [1-4], 1981.

Davallon, Jean. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma** – Revista de Ciência da Informação e da Comunicação, Porto, n. 4, p. 3-36, jun., 2007.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio./ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>. Acesso em: 17 dez. 2024.

GOMES, Henriette Ferreira. Comunicação e informação: relações dúbias, complexas e intrínsecas. In: MORIGI, Valdir; JACKS, Nilda; GOLIN, Cida. (org.). **Epistemologias, comunicação e informação**. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 91-107.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação consciente da informação; categoria fundante ao protagonismo profissional e social. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima (org.). **O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação**. Florianópolis: Rocha; Nyota, 2019, v. 1, p. 187-206. Disponível em: <https://www.nyota.com.br/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e protagonismo social: relações com vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 27-44.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **José Simeão**: escritos de uma trajetória. Tese de doutorado (Programa de Pós-graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6264?mode=full&&&locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6264?mode=full&&&locale=pt_BR). Acesso em: 17 dez. 2024.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. In: Gomes, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira. **Informação e protagonismo social**. EDUFBA, 2017, p. 11-25.

SILVA, Bárbara Damiane; SANTOS NETO, João Arlindo. Práticas de mediação cultural nas bibliotecas públicas municipais de Londrina/PR. **Biblionline**, João Pessoa, n. 2, v. 13, p. 30-43, 2017. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/16140>. Acesso em: 17 dez. 2024.



SOUSA, Ana Claudia Medeiros de; SANTOS, Raquel do Rosário; JESUS, Ingrid Paixão de. Mediação da cultura, da informação e da leitura para o protagonismo social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1333#:~:text=As%20atividades%20de%20mediação%20da,pertencimento%20com%20sua%20estrutura%20socio-cultural>. Acesso em: 17 dez. 2024.

## SELF WRITING IN MEDIATING ACTIVITIES TO DISCOVER INDICATIONS OF CULTURAL PROTAGONISM

### ABSTRACT

**Introduction:** the activities of mediation of culture, mediation of information and mediation of reading have specificities, but also objectives in common, since the mediators who carry out these practices seek the appropriation of information and informational devices, which have value and reflect the cultural practices. **Objective:** the objective of this study was to highlight and propose the writing of the self as a technique that can guide the activities of cultural mediation, information mediation and reading mediation by revealing memorialistic traits of the document producer that reveals him as a cultural and representative protagonist in the context sociocultural. **Methodology:** this is a study in which a qualitative approach and a bibliographic method were adopted, by articulating the theoretical, conceptual and analytical aspects that supported this study. **Results:** in the process of developing mediating activities, a conscious action must be sought, based on the adoption of the technique of writing oneself, which seeks to evidence, strengthen and re-signify sociocultural practices by user-readers who will be able, through this technique, to recognize and achieve cultural protagonism. **Conclusions:** self writing presents itself as a technique that highlights the movement of identity and memorial constitution of the document-producing subjects and reflects sociocultural practices, which can be enhanced in the conscious actions of mediation of information, mediation of culture and mediation reading, aligned with the demands arising from the subjects that integrate the various sociocultural contexts.

**Descriptors:** Self writing. Cultural mediation. Mediation of information. Reading mediation.

## LA ESCRITURA DE SÍ EN ACTIVIDADES DE MEDIACIÓN PARA DESCUBRIR INDICACIONES DE PROTAGONISMO CULTURAL

### RESUMEN

**Introducción:** las actividades de mediación de la cultura, mediación de la información y mediación de la lectura tienen especificidades, pero también objetivos en común, ya que

los mediadores que realizan estas prácticas buscan la apropiación de informaciones y dispositivos informacionales, que tienen valor y reflejan las prácticas culturales. **Objetivo:** El objetivo de este estudio fue resaltar y proponer la escritura de sí como una técnica que puede orientar las actividades de mediación cultural, mediación de la información y mediación de la lectura al develar rasgos memorialísticos del productor del documento que lo revelan como un protagonista cultural y representativo en el contexto sociocultural. **Metodología:** se trata de un estudio en el que se adoptó un enfoque cualitativo y un método bibliográfico, articulando los aspectos teóricos, conceptuales y analíticos que sustentaron este estudio. **Resultados:** en el proceso de desarrollo de actividades mediadoras se debe buscar una acción consciente, a partir de la adopción de la técnica de la escritura de sí, que busca evidenciar, fortalecer y resignificar prácticas socioculturales por parte de los usuarios-lectores que podrán, a través de esta técnica, para reconocer y lograr el protagonismo cultural. **Conclusiones:** la escritura de sí se presenta como una técnica que destaca el movimiento de constitución identitaria y memorial de los sujetos productores de documentos y refleja prácticas socioculturales, que pueden potenciarse en las acciones conscientes de mediación de la información, mediación de la cultura y mediación de la lectura, alineada con las demandas surgidas de los sujetos que integran los diversos contextos socioculturales.

**Descriptores:** Escritura de sí. Mediación cultural. Mediación de información. Mediación de lectura.

**Recebido em:** 17.12.2024

**Aceito em:** 23.12.2024